

Um mar de ondas

Por essas coisas estranhas da vida que não entendo muito bem, eu sempre gostei de água. Desde criança que sonhava com um mar de ondas tremendas e isso era muito estranho, uma vez que o meu mundo era ao mesmo tempo muito verde e muito negro e sem qualquer outro azul que não fosse o daquele céu impiedoso que nos cozinhava os miolos no meio dos campos cada vez mais desertos. Era verde por causa da minha mãe lavadeira, que deambulava comigo sob o Sol de Verão, carregando roupas de gente alheia sobre a cabeça e com uma folhinha de eucalipto entre os dentes para ter bom gosto. E o segundo, o negro, era por causa do meu pai, um contrabandista misterioso e sempre distante em andanças a cavalo para lá da fronteira brasileira, sempre de noite.

Por isso é que não entendo bem as razões por que é que sempre gostei de água, porque três gerações do meu sangue viveram a oitenta léguas do mar sem nunca o ter visto. E o meu pai também nunca o tinha visto ante os seus olhos, nem nunca tinha presenciado fortes tempestades, nem conhecido esse horizonte alucinado que funde o cinzento do céu no oceano, nem muito menos o gosto extraordinário e ardiloso da água salgada, ainda que o estranho era que na hora de ir dormir ela é que me embalava com histórias de naufragos que nunca se afogavam ou de belíssimas sereias que eram uma companhia muito agradável para os flibusteiros derrotados nas margens do *Rio de la Plata* nos tempos do Almirante Brown.

Mas a minha mãe, que de águas profundas apenas conhecia a laguna Bonita onde lavava para os outros as roupas do dia e pensava para nós as histórias da noite, deixei de a ver para sempre quando conheci o Ivo, meu amigo, meu companheiro, o irmão que nunca tive, o sócio de *La Blanca Mar*, a nossa barca cor de laranja. Partimos de verdade, desaparecemos de todos os lugares que costumávamos frequentar. Caminhámos a direito e sem que ninguém nos dissesse para onde, em direcção ao mar, à costa atlântica, à praia de Santa Ana, perto da desembocadura do rio onde começámos a pescar da margem, só para acalmar à força de peixe grelhado a dor dos estômagos vazios e depois para vender aos gritos, pelas ruas da aldeia próxima de Mosquitos, três ou quatro corvinas do dia enfiadas num junco.

Pouco a pouco, no entanto, ouvindo as histórias de Coraje Martínez, do Capitão Lander, de Maria, a Pescadora, e de dúzia de lobos do mar que matavam as horas com cerveja no bar de Nereo nas noites de Inverno, Ivo e eu começámos a pensar numa embarcação para nos largarmos ao mar.

Encontrámo-la abandonada entre as rochas e as algas. Era uma embarcação pequena, uma chalana de cinco metros e meio de comprimento, muito maltratada mas ainda com desejos à vista de se fazer ao mar.

Reparámo-la com esmero e muitas expectativas. Calafetámo-la, pintámo-la até ao último pormenor, colocámos-lhe um velho motor Johnson e quando o Ivo deu alguns passos atrás para a olhar melhor e começou a gritar de felicidade com os braços abertos, disse-lhe que se calasse, que sem nome ninguém era nada neste mundo. E foi então que a baptizámos *La Blanca Mar* e assim foi conhecida em muitos quilómetros das redondezas, mar fora terra adentro...

Actividade de pré-leitura para o 8ºano



Praia de Angeiras

Motivação

Depois de usar o projector multimédia, para expor a imagem presente, o professor começa por confirmar que se trata de uma fotografia de um local muito frequentado e bem conhecido por todos eles: a praia de Angeiras. Depois, chama a atenção para a sorte de objectos que estão no areal e para a calma do mar imenso. Por fim, em breve conversa com os alunos, procura saber que sensações, emoções, experiências de vida ... associam eles ao mar.

Pré-leitura

O professor chama a atenção para o **título** e o **autor** deste texto:

1. Qual poderá ser o significado do título do texto?
2. Que diferenças existem entre “um mar de ondas” e “ondas do mar”?
3. Tendo em conta o nome do escritor, avança uma hipótese para o local onde decorrerá a história de “um mar de ondas”.